A CAIXA DO HOMEM: A VIOLÊNCIA MASCULINA COMO UM DEVER?

*Katia Bizan**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a “Caixa do Homem” e suas consequências com o desnivelamento feminino que pode ter colaborado na masculinidade tóxica oprimindo mulheres, homens e colaborando no aumento do feminicídio.

Palavras-chave: Caixa do Homem, Masculinidade Tóxica, Feminicídio.

INTRODUÇÃO

“Uma das formas mais perversas de impedir que a igualdade realmente aconteça é dizer que ela já existe.” Daniela Lima (2020)

Este artigo tem como tema central a “Caixa do Homem”, ou “The Man Box”, identificada como sendo uma receita cultural em que são pré-dispostos aos homens suas maneiras de agir, sentir e falar, os quais tem como base o patriarcado e o machismo.

Buscaremos refletir aqui a extensão social de tal hábitos que corroboram em medidas extremas como o feminicídio com a análise dos números divulgados, na referida pesquisa, sobre os itens pertencentes à “Caixa do Homem” versus patriarcado / machismo e suas implicações quanto a posição do homem perante a sociedade e a situação da mulher no crescimento dos números de feminicídios na América Latina. Com isso procuraremos demonstrar a necessidade de novas relações de gênero com liberdade e sem androcentrismo.

* Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e Mestra em Comunicação Social pela UMEP. Brasil. Email: k.bizan@gmail.com – Bolsa Capes.

“CAIXA DO HOMEM”

Em 2018 a ONU Mulheres do Brasil em conjunto com o site Papo de Homem empreenderam uma iniciativa que foi produzida por #ElesPorElas (#HeForShe) com desenvolvimento de um infográfico em que se buscou envolver os homens no debate em defesa dos direitos das mulheres denominado “Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero” tendo por objetivo demonstrar que a igualdade de gênero é benéfica a todos e por quais caminhos é possível desfazer os estereótipos de gêneros nocivos encontrados até hoje na cultura social.

A “Caixa do Homem” se resume em um simbolismo do medo que agrega representações masculinas que, caso não sejam externadas, o identificam como “menos homem” ao **não se encaixar nessa representação formatada patriarcalmente.**

Os itens listados nessa caixa mental indicam as expectativas que são esperadas dos homens¹:

- Heterossexual;
- Fisicamente apto;
- Corajoso;
- Forte;
- No controle;
- Ativo;
- Sexualmente experiente;
- Prontidão sexual;
- Fala firme;
- Não demonstra emoções;
- Sabe se defender;
- Não chora;
- Sexualmente impositivo;
- Trabalhador;
- Provedor;
- Não comete erros;
- Não desiste;
- Aguenta o tranco;
- Competitivo;
- Bem-sucedido;
- Bully (tirano / brigão / valentão);
- Dominante em relação a mulher.

¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gw09QIQE7J4> – Acesso em 04 mai. 2020

Fora dessa caixa está tudo que não é esperado por um homem no modelo patriarcal, como, por exemplo, ser covarde, fraco, chorão etc. porque são características mais próximas do feminino o que torna, assim, obrigatório culturalmente ao homem a necessidade em demonstrar superioridade social que só é possível com ações intermediadas pela masculinidade tóxica, pois potencializa os quesitos sobre as pessoas que não as demonstram / possuem.

A masculinidade tóxica recebeu esse nome devido ao bloqueio social imposto que pode ser definida como

uma descrição estreita e repressiva da masculinidade que a designa como definida por violência, sexo, status e agressão, é o ideal cultural da masculinidade, onde a força é tudo, enquanto as emoções são uma fraqueza; sexo e brutalidade são padrões pelos quais os homens são avaliados, enquanto traços supostamente ‘femininos’ – que podem variar de vulnerabilidade emocional a simplesmente não serem hipersexuais – são os meios pelos quais seu status como ‘homem’ pode ser removido. Alguns dos efeitos da masculinidade tóxica estão a supressão de sentimentos, encorajamento da violência, falta de incentivo em procurar ajuda, até coisas ainda mais graves, como perpetuação encorajamento de estupro, homofobia, misoginia e racismo. (Geledes, 2017)

Como é dito na citação, a masculinidade tóxica se torna perigosa até para o próprio homem, pois o incentiva a um comportamento de risco e/ou exige uma postura que ele mesmo não concorda, mas o impede de pedir ajuda criando um círculo de violência interna e externa.

Essa masculinidade na cultura social acaba por se reproduzir continuamente com base nos modelos e práticas machistas, homofóbicas, sexistas e por classe social que acaba se tornando uma prisão que o próprio homem acaba sustentando e não consegue se desvencilhar.

Segundo a pesquisa acima citada, tais movimentos são conhecidos, atualmente, como itens da masculinidade tóxica e o objetivo do levantamento foi a análise dos itens da “Caixa do Homem” como narrativa de mídia sobre violência contra a mulher em um relatório emitido pela ONU. A proposta se põe a partir da cultura enraizada e a opressão tanto das mulheres quanto dos homens como resultado das exigências sociais para com as condutas que devem ser comprovadas em público.

Os homens revelam, na referida pesquisa, que se reprimem em suas vontades e em suas opiniões diante de tais cobranças. As principais reflexões que são

trazidas à tona é que tanto o homem quanto a mulher são formatados conforme prescrito pela sociedade em sua cultura, crença e diferenças biológicas, onde a narrativa cultural vigente se baseia em suas diferenças biológicas para justificar as cobranças sociais sobre os comportamentos e valores esperados. Portanto, ao homem é dado a autoridade moral e a obrigação de demonstrar comando / poder / domínio, movimentos que vem como herança do patriarcado (que literalmente significa “a regra do pai”), em que se procura comprovar o seu poder sobre os outros homens como uma competição e sobre as mulheres para demonstração de superioridade. Deste modo, o machismo vem como um meio para impor o sistema hierárquico como uma pirâmide, em que o homem branco é superior a mulher branca, ao homem negro e a mulher negra gerando desigualdades e atraso no desenvolvimento social.

Por ser uma cultura muito antiga e aceita na sociedade como uma atitude natural culturalmente, atitudes machistas ou violentas podem ser vistas, muitas vezes, como um “costume” ou uma “brincadeira” ou uma “piada”.

Essa cultura patriarcal ocidental heteronormativa branca é (foi) um ritual atribuído à sociedade como uma regra a ser cumprida e obedecida por todos, principalmente aos que não fazem parte deste grupo denominado a “nata cor” social.

Desde muito cedo o menino aprende que o herói que ele tanto admira é homem e que, se for necessário, ele precisa usar da violência para conseguir salvar “o seu mundo” dos “vilões” que não o deixam “ganhar” à sua maneira. É o herói que comanda os “coadjuvantes” da história e não leva desaforo para casa. É ele que é aclamado pelos próximos. É ele que é forte e salva a frágil mocinha das garras de quem quer que seja para ficar com ele. A mídia acabou por reproduzir o patriarcado nas histórias infantis, trazendo a mensagem em que é preciso ser valentão para se mostrar homem e conquistar o que deseja.

Desta forma, conforme divulgado pela ONU, vemos que são, normalmente, os maridos / parceiros que matam e temos 12 mulheres assassinadas por dia na América Latina (2018), região considerada como a mais perigosa do mundo para uma mulher viver. O Brasil é o primeiro da lista com 1.047 mulheres assassinadas em 2017 e 1.225 casos em 2018 e, ainda, a política do país pode acabar por aumentar as mortes das mulheres brasileiras com a minimização política da violência doméstica, com a disseminação de que “a mulher, no casamento, é submissa ao homem” e, ainda, se houver a liberação de porte de armas de fogo.

Segundo o site da Agência Patrícia Galvão (2019), 97% das mulheres brasileiras já foram vítimas de assédio em meios de transporte; uma mulher é vítima de estupro a cada 9 minutos; três mulheres são vítimas de feminicídio por dia; uma pessoa *trans* ou gênero-diversas é assassinada a cada dois dias e uma mulher registra agressão sob a lei Maria da Penha a cada dois minutos.

Infelizmente todos os países da América Latina carregam o aumento em seus gráficos sobre mulheres vítimas de feminicídios. Os dados publicados pelo site El País (2018) demonstram que a Argentina tem, em média, uma mulher assassinada a cada 31 horas. A Colômbia chegou a 96% de impunidade devido à justiça desculpar os assassinos nos casos de violência de gênero. Já no México quem mata é o marido ou namorado em 64% dos casos registrados, mas o registro de feminicídio depende do foro de cada estado e muitos deles não reconhecem oficialmente esse tipo de crime em sua área, ação essa que não contribui no levantamento de dados e colabora no crescimento da impunidade. Em El Salvador se registra a maior taxa de feminicídios para cada 100.000 mulheres.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER / FEMINICÍDIO NO BRASIL

Os **números** de violência contra a mulher / feminicídio crescem a cada ano no Brasil, mesmo sendo um país com leis em defesa da mulher como a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2004), a qual foi considerada pela Unifem (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher) (2010) como uma das três leis mais avançadas no confronto à violência contra a mulher no mundo.

Na pesquisa realizada no Brasil pelo Instituto Avon (2014), podemos verificar a presença da masculinidade tóxica em todos os itens levantados na violência contra a mulher:

Já o Mapa da Violência, pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), mostra que o Brasil ficou em 7º lugar no ranking global em 2010 em números de violência contra a mulher, sendo que o país concluiu o ano de 2019 com mais de um milhão de processos de violência doméstica registrados oficialmente, segundo o CNJ (Conselho Nacional de Justiça - (2020)).

Já nos casos de homicídios femininos, o Brasil começou a ver seus números caindo nos últimos anos, mas o número de feminicídios continua crescendo, sendo um aumento de 7,3% de 2018 para 2019.

Fonte: Pesquisa "Violência contra a mulher: o jovem está ligado?", do Instituto Avon com Data Popular (2014) - Arte Leandro Siman

Figura 1: Violência contra a mulher - Instituto Avon

Como se já não bastasse a violência sofrida nas ruas e o preconceito ao procurar um emprego ou o assédio quando se está trabalhando, a mulher passou a ter maiores problemas com violência dentro de casa ao buscar recursos para ajudar financeiramente a família e trabalhar fora. Segundo pesquisa do Ipea (2019), o motivo do crescimento da violência / assassinato foi verificado quando a mulher elevou seu poder de barganha no controle financeiro familiar contrariando o papel dentro dos valores patriarcais.

O Ipea confirmou que a violência contra a mulher é três vezes maior que a violência sofrida por homens e que a mulher sofre a violência:

- 43,1% das vezes dentro de casa;
- 36,7% em via pública;
- 32,2% por pessoas conhecidas da vítima ((ex)namorado, (ex)companheiro etc.);
- 25,9% pelo marido ou ex-marido;
- E somente em 22,1% dos casos as mulheres fazem boletim de ocorrência.

Figura 2: Total de Homicídios e Feminicídios Brasil - 2017 a 2019 - montagem da autora²

A tabela 2 mostra que a violência contra a mulher é o dobro da ocorrência quando ela participa do mercado de trabalho – isto é, faz parte da população economicamente ativa (PEA) –, em relação a não participar, ou seja, 52,2% contra 24,9%. Também se observa maior ocorrência entre os homens que participam da PEA (17,2% contra 5,7%), ainda que bem abaixo do índice das mulheres, em termos percentuais em relação ao total da população.

TABELA 2
Violência doméstica por sexo e participação no mercado de trabalho
(Em %)

Sexo	Sofreu violência doméstica (por parente/conhecido/cônjuge)		Total
	PEA	PNEA	
Masculino	17,2	5,7	22,9
Feminino	52,2	24,9	77,1
Total	69,4	30,6	100,0

Fonte: PNAD 2009/IBGE.
Elaboração da autora.
Nota: * População não economicamente ativa.

Figura 3: Violência doméstica por sexo e participação no mercado de trabalho – IBGE³

² Disponível em <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/03/05/mesmo-com-queda-recorde-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-feminicidios-em-2019.ghtml> - Acesso em 06 mai. 2020

³ Disponível em <https://www.ipea.gov.br/participacao/noticias-do-ipea/1869-ipea-pesquisa-violencia-mulher> - Acesso em 06 mai. 2020

“PRECISAMOS FALAR COM OS HOMENS? UMA JORNADA PELA IGUALDADE DE GÊNERO”

A pesquisa realizada pela ONU Mulheres e o site Papo de Homem (2016) teve o objetivo de entender como os homens podem se envolver no diálogo pela igualdade de gênero. O estudo foi realizado com entrevistas a estudiosos, profissionais da área e mais 150 pessoas abordadas nas ruas de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.

O estudo revelou que:

- 81% dos homens e 95% das mulheres concordam que “existe muito machismo no Brasil”;
- 87% dos homens e 86% das mulheres acreditam que “o machismo é ruim para os homens e para as mulheres”;
- Somente 23% dos homens se consideram “nada machista” e 3% deles se consideram “bastante machistas”;
- 34% das mulheres já fizeram sexo com o parceiro mesmo não querendo, enquanto somente 10,7% dos homens já passaram por isso;
- 87,38% dos entrevistados discordam totalmente que “mulher que anda com camisinha é safada”;
- 72,55% deles concordam totalmente que homens e mulheres deveriam dividir por igual o trabalho doméstico”;
- 71,61% discordam totalmente que “a responsabilidade de evitar a gravidez é principalmente da mulher”;
- 55,44% discordam totalmente que as “mulheres deveriam decidir se a prioridade na vida delas é a carreira ou os filhos”;
- 58,26% discordam totalmente que as “mulheres devem tomar cuidado com a roupa que vestem para não serem muito provocativas”;
- 27,28% discordam em parte se “a política seria melhor se NÃO existissem mais mulheres em postos importantes;
- 45,5% dos homens gostariam de se expressar de modo menos rígido ou agressivo, mas não sabem como;
- 43,5% dos homens gostariam de ter mais cuidado com a aparência sem se sentirem julgados por isso;
- 77% dos homens se preocupam com a aparência, mas não falam sobre isso;
- 56,5% dos homens gostariam de ter uma relação mais próxima com amigos expressando mais afeto e podendo falar sobre sentimentos e dúvidas;

- 66,5% dos homens não falam com amigos sobre medos e sentimentos;
- 54% dos homens gostariam de ter mais liberdade para explorar hobbies, talentos ou opções de carreira pouco usuais, sem serem julgados como frouxos ou pouco ambiciosos;
- 45% dos homens gostariam de não se sentir obrigatoriamente responsáveis pelo sustento financeiro da casa;
- 44% dos homens sentem pressão por serem responsáveis pelo sustento da casa, mas não falam sobre isso;
- 71,6% das mulheres entendem que o feminismo é “necessário para defesa por direitos e oportunidades iguais” enquanto 40,4% dos homens entendem o feminismo como “justa por direitos iguais, mas às vezes agressiva e radical demais”;
- No item “quão favorável ao feminismo você se considera”
 - 44,1% das mulheres são extremamente favoráveis / 27,8% são bastante favoráveis / 12,2% razoavelmente favorável / 10,2% um pouco favorável e 5,7% nada favorável;
 - 28,1% dos homens são bastante favoráveis / 23,5% são extremamente favoráveis / 16,3% um pouco favorável / 16,1% razoavelmente favorável e 16% nada favorável.

A pesquisa demonstra, também, os micromachismos, os quais são divididos em:

- **Coercitivo** – envolve intimidação, insistência abusiva, tomada subida de comando, *gaslighting*⁴ e *bropropriating*⁵;
- **Dissimulado** – envolve maternalização, paternalismo, *mansplaining*⁶, *maninterrupting*⁷ e justificativas para o próprio comportamento prejudicial;
- **De crise** – envolve pseudoapoio nas tarefas e promessas superficiais;
- **Utilitário** – é quando o homem não divide tarefas e deixa implícito que é ela quem deve cuidar da casa.

⁴ Distorcer fatos e omitir situações para deixar a mulher em dúvida sobre sua memória e sanidade mental.

⁵ Apropriar-se da ideia de uma mulher e levar o crédito por ela.

⁶ Explicar algo óbvio para uma mulher como se ela não tivesse capacidade intelectual para entender.

⁷ Interromper a fala de uma mulher e impedi-la de concluir sua frase.

Com esse levantamento foi possível verificar as tensões que os homens sofrem devido ao machismo, o qual interfere negativamente em sua vida e em suas decisões ao se impor um autolímite imaginário cultural que bloqueia a realização plena de suas vontades e, por fim, acabam lesando terceiros em suas tensões patriarcais.

Uma tensão apurada na pesquisa foi a necessidade do homem em provar que é heterossexual na relação aos carinhos com os amigos e com a própria vaidade; outras tensões são a de demonstrar que é forte, poderoso, responsável e provedor.

Essas tensões trazem consigo a ansiedade, estresse e a depressão por medo de não ser aceito e, por consequência, o corpo exige uma válvula de escape nesta panela de pressão interna que pode ocorrer por meio da violência, homofobia, incapacidade emocional, obsessão por poder, dinheiro e/ou sexo.

Com essa pesquisa os organizadores verificaram que não será fácil uma mudança de comportamento e mentalidade, mas é possível demonstrar que os gatilhos aprendidos durante a vida não são os únicos e que existem outros mais eficazes para a convivência pacífica, entretanto é preciso realizar abordagens de acordo com o contexto encontrado.

As abordagens sugeridas são por meio de afeto para com o homem; exposição ao sofrimento das mulheres; paternidade; espiritualidade; acesso a espaços seguros e de acolhimento para homens; exaustão e infelicidade profissional (ressignificação de escolhas e valores) e, também, o choque com o sofrimento profundo, rupturas e crises ao não ter sua atitude (agressão) aceita pela sociedade / família e amigos, reação que pode estimular o homem para mudanças significativas, principalmente quando ele busca orientação psicológica e/ou grupos reflexivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A toxidade é a presença de veneno no organismo e quando identificamos uma masculinidade tóxica é necessário o reconhecimento de que isso é nocivo tanto ao “corpo hospedeiro” quanto aos que com ele convivem.

As atribuições pertencentes à “Caixa do Homem” são adjetivos nocivos que oprimem muitos homens e bloqueiam o crescimento / respeito da mulher na sociedade, colaborando no crescimento dos números de feminicídio em todo o mundo.

O feminicídio vem em nossa sociedade como uma solução mental extrema dessa masculinidade tóxica criada pelo patriarcado, o qual sempre prejudicou

mais as mulheres aparentemente, mas com o passar dos anos e os avanços nos direitos da mulher os problemas ficam cada vez mais evidentes para ambos.

O levantamento da ONU e do site Papo de Homem demonstra que a violência do machismo contra a mulher, e contra o homem, é uma guerra que só traz prejuízos na manutenção da aparência cultivada socialmente, mas já se percebe pequeninas vitórias neste ciclo de violência e desigualdade.

E, como diz a pesquisa acima citada, as atitudes machistas não são exclusivas dos homens, mas também das mulheres, porque foi assim que a cultura patriarcal ensinou / foi acolhido e é preciso reconhecer urgentemente e mundialmente a nocividade desses atos para alterar mais rapidamente os discursos e as ações sociais que nos mantém nesse *status quo*.

REFERÊNCIAS

- BIGLIARDI, A. M.; ANTUNES, M. C. (2018). **Violência contra mulheres - A vulnerabilidade feminina e o perfil dos agressores**. São Paulo: Juruá.
- BOURDIEU, P. A. (2007). **Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRITO, G. F. D.; PAULA, J. V. D. (2013). **A masculinidade e a ideologia: socialização masculina**. Revista Opsis, UFG.
- FAMÍLIA, I. B. (09 de 03 de 2010). *Jusbrasil*. Fonte: Jusbrasil: <https://ibdfam.jusbrasil.com.br/noticias/2110644/para-onu-lei-maria-da-penha-e-uma-das-mais-avancadas-do-mundo>
- FOUCAULT, M. (1988) **História da Sexualidade – A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal.
- GALVÃO, A. P. (30 de 09 de 2019). **97% das mulheres disseram já ter sido vítimas de assédio em meios de transporte**. Fonte: Agência Patrícia Galvão: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencia-sexual/97-das-mulheres-disseram-ja-ter-sido-vitimas-de-assedio-em-meios-de-transporte/>
- GELEDES. (26 de 06 de 2017). **Portal Geledes**. Fonte: Portal Geledes: <https://www.geledes.org.br/voce-sabe-o-que-e-masculinidade-toxica/>
- JUSTIÇA, C. N. (09 de 03 de 2020). **Processos de violência doméstica e feminicídio crescem em 2019**. Fonte: Conselho Nacional de Justiça: <https://www.cnj.jus.br/processos-de-violencia-domestica-e-feminicidio-crescem-em-2019/>
- LERNER, G. (2019) **Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens**. São Paulo – Cultrix.
- LIMA, D. (07 de 05 de 2020). **Portal Raízes**. Fonte: Portal Raízes: <https://www.portalraizes.com/a-mulher-e-um-devir-historico-rastros-de-beauvoir-no-brasil/>
- MONICK, E. (1993) **Falo - a sagrada imagem do masculino**. São Paulo: Paulinas.
- PAÍS, E. (27 de 11 de 2018). **América Latina é a região mais letal para as mulheres**. Fonte: El País: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/24/actualidad/1543075049_751281.html
- PITTA, D. P. R. (2017) **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbet Durant**. Curitiba: CRV.
- PLATONOW, V. (19 de 08 de 2019). *Ipea*. Fonte: Ipea: <https://www.ipea.gov.br/participacao/noticias-do-ipea/1869-ipea-pesquisa-violencia-mulher>

RUSSE, D.; CAPUTTI, J. (1992) **The politics of women killing**. New York: Twayne Publisher.

VALADARES, G. N. (03 de 11 de 2016). **Precisamos falar com os homens?** Fonte: Papo de Homem: <https://papodehomem.com.br/documentario-precisamos-falar-com-os-homens/>